

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - **XIII ENANCIB 2012**

GT 6: Informação, Educação e Trabalho

**DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS INFORMACIONAIS EM
MORADORES DE UMA COMUNIDADE POPULAR URBANA**

Comunicação Oral

Maria Giovanna Guedes Farias - UFBA

Aida Varela Varela - UFBA

mgiovannaguedes@gmail.com

RESUMO

Trata-se da apresentação do delineamento de pesquisa em andamento no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia em desenvolvimento na Comunidade Santa Clara (CSC), na cidade de João Pessoa-PB, como prosseguimento de pesquisa de mestrado, objetivando criar e implantar um modelo de mediação da informação para inclusão dos moradores dessa localidade na sociedade contemporânea. Um processo que deve ocorrer por meio da promoção de competências informacionais nesses moradores, incentivando o entendimento da automodificação e desejo de ultrapassar as barreiras de um sistema excludente. Para isso, as tecnologias de informação e comunicação serão utilizadas como suporte para fomento de cursos, oficinas e treinamentos. Nesse contexto, o profissional da informação tem desempenho primordial como mediador facilitando o acesso e o uso da informação, e ajudando os sujeitos da pesquisa a se apropriarem da informação que necessitam para saírem do estado em que se encontram, colocando em prática os conceitos em torno da responsabilidade social da Ciência da Informação. A partir da experiência já adquirida no campo de pesquisa e da contínua observação participante, um modelo de mediação já começa a ser delineado tomando como teoria outros modelos, a exemplo de Belmonte (2007), que criou e implantou um modelo de mediação inclusiva para o professor como mediador na aprendizagem.

Palavras-chave: Competências informacionais. Modelo de mediação. Informação. Profissional da informação. Comunidades.

ABSTRACT

This is the presentation of the lineation of the research in progress in the doctoral post-graduate program in Information Science at the Federal University of Bahia developing in Santa Clara Community (SCC) in the city of João Pessoa, as prosecution of the Masters research aiming to create and deploy a mediation model of information to include the residents of this town in contemporary society. A process that should occur through the promotion of informational competence for these residents encouraging them to understand the self-change and desire to overcome the barriers of an excluding system. For this will be used for information and communication technologies as a support for promotion of courses, workshops and trainings. In this context, the information professional has a primordial performance as a mediator facilitating access to and use of information, and helping the subjects of the research to appropriate the information they need to leave the state in which they are, putting the concepts around social responsibility of the Information Science into practice. From the experience gained in the research area and from continuous participant observation, a mediation model is already being traced taking other models as a theory, e.g. Belmonte (2007), he created and implemented a model of inclusive mediation for teacher as mediator in learning.

Keywords: Information literacy. Mediation model. Information. Information professionals. Communities.

1 INTRODUÇÃO

Mediar o desenvolvimento de competências informacionais em moradores de uma comunidade popular urbana requer do profissional da informação a potencialização de suas próprias competências, assim como a conscientização de seu papel na sociedade perante a responsabilidade social. Para que essa mediação ocorra será criado e implantado um modelo a fim de ser propagado por outras comunidades brasileiras, uma vez que um modelo, de acordo com Sayão (2001, p. 83) serve a muitos propósitos, principalmente “[...] para comunicar alguma coisa sobre o objeto da modelagem de forma a gerar um entendimento mais completo sobre a realidade.” Segundo o autor, a ação de modelar “[...] impõe a quem modela uma visão clara e sem ambiguidades de quem ou do que está sendo modelado, além de exigir uma correta seleção dos elementos do universo do discurso que comporão a visão a ser representada.”

Refletindo a respeito da evolução da Ciência da Informação (CI) percebemos que para mapear toda a sua realidade, a área “[...] teve obrigatoriamente de tomar, como seus, paradigmas e modelos de outras áreas, tais como informática, inteligência artificial, linguística, economia, marketing.” (SAYÃO, 2001, p. 86). No caso dessa pesquisa, o modelo terá como principal suporte teórico o processo de mediação da informação permeado pelo desenvolvimento de competências informacionais, a serem colocadas em prática dentro da Comunidade Santa Clara (CSC), em João Pessoa, Paraíba. Pesquisa esta que ocorre no âmbito do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA).

Nessa perspectiva, corroboramos com Feres e Belluzzo (2009, p. 78), quando descrevem competência como sendo um composto de duas dimensões distintas: “[...] a primeira, um domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas que permite a intervenção prática na realidade [...]”, no caso da segunda e mais almejada por essa pesquisa estabelece, “[...] uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem e caracterizam o atual contexto social.” Obviamente para se chegar a essas duas dimensões como explicam os autores, faz-se necessário a promoção, acompanhamento de cursos, treinamentos, e principalmente dialogar com esses moradores para que eles reflitam que podem por si só mudar suas realidades, mesmo que recebam constantemente mensagens da sociedade de cunho esmagador e excludente. Entendemos que nesse contexto haverá um processo de humanização, de conscientização do poder de transformação que há dentro de cada um. Será uma ação de interferência, e é justamente isso

que a mediação da informação promove, como afirma Almeida Júnior (2008, p. 47), uma ação que se contrapõe a ideia de isolamento, passividade, ou seja, “[...] todas as transformações sociais, de uma ou outra forma, influem e exigem posturas e mudanças tanto do espaço informacional, como dos que nele atuam e dos serviços implantados e oferecidos.”

Essa pesquisa acredita no potencial transformador da informação podendo ser proporcionado aos sujeitos por meio da mediação de um profissional da informação, que traz em si, como indica Bourdieu um “capital cultural e simbólico” fundamental durante o trabalho dentro do campo de pesquisa para a criação de um modelo de mediação da informação inclusivo. Nesse estudo, o profissional da informação será a própria pesquisadora que, por meio desse modelo, promoverá a formação de agentes mediadores para realização de trabalhos, projetos e cursos a serem disseminados dentro da Comunidade. Esses agentes farão parte de uma equipe interdisciplinar formada por estudantes de graduação dos cursos de Computação e de Biblioteconomia, assim como de alguns agentes culturais da própria CSC que já foram identificados durante pesquisa de mestrado realizado no PPGCI da Universidade Federal da Paraíba.

2 COMPETÊNCIAS INFORMACIONAIS: produzindo saberes

Competência informacional é uma das traduções da expressão *information literacy* utilizada por alguns teóricos da CI. Dudziak (2003, p. 28) analisou a evolução do conceito e ressalta que “[...] pode-se defini-la como o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.” A partir da análise da evolução do conceito, a autora aponta três concepções de *information literacy*: a concepção da informação (com ênfase na tecnologia da informação); a concepção cognitiva (ênfase nos processos cognitivos); a concepção da inteligência (ênfase no aprendizado). Tais concepções determinam diferentes níveis de complexidade:

- a) Ênfase na tecnologia da informação - prioriza a abordagem do ponto de vista dos sistemas, com o aprendizado de mecanismos de busca e uso de informações em ambientes eletrônicos. Limitado ao simples aprendizado de habilidades e conhecimentos instrumentais, praticamente mecânicos, tem como foco o acesso à informação. Associada à sociedade da informação, marcada pela forte influência da

tecnologia, o conceito de competência em informação é definido como a pesquisa, estudo e aplicação de técnicas e procedimentos ligados ao processamento e distribuição de informações com base no desenvolvimento de habilidades no uso de ferramentas e suportes tecnológicos.

- b) Ênfase nos processos cognitivos - muitos autores relacionam a competência em informação aos processos de busca da informação para construção de conhecimento. Envolvendo uso, interpretação e busca de significados, dentro da perspectiva da sociedade do conhecimento, procura-se a construção de modelos mentais, não apenas respostas às perguntas. O foco está no indivíduo, em seus processos de compreensão da informação e seu uso em situações particulares.
- c) Ênfase no aprendizado ao longo da vida - alguns autores relacionam a competência em informação com o aprendizado, considerando que a *information literacy* deveria englobar, além de uma série de habilidades e conhecimentos, a noção de valores ligados à dimensão social e situacional. A construção de redes de significados a partir do que os aprendizes leem, ouvem e refletem constitui o que se chama de estrutura de aprendizado, essencial à extrapolação do entendimento. (DUDZIAK, 2003, p. 30).

A ênfase dada por Feres e Belluzzo (2009, p. 82) é a mesma que objetivamos promover nos moradores da Comunidade por meio do desenvolvimento de competências informacionais, a serem direcionadas para o exercício da cidadania, para o ser social, para uma visão sistemática da realidade, onde o emissor (que também pode ser receptor) do fluxo de informação é considerado como um ser inserido em uma dimensão social e ecológica de aprendiz, na busca de uma identidade pessoal e autônoma a partir de sua ação enquanto transformador social. Para Kuhlthau (1999, p. 10) competência é a habilidade de construir sentido por si mesmo, em um ambiente rico em informação, e para isso a autora esclarece que, para ser competente na sociedade da informação é preciso aprender a aprender no ambiente tecnológico, o que envolve: habilidade de aprender em situações dinâmicas, onde a informação está em constante mudança; habilidade de gerenciar grande quantidade de informação, quando a determinação do que significa informação suficiente é tão importante quanto localizar e selecionar informação relevante; habilidade de encontrar significado por meio da produção de sentido em mensagens diversas e numerosas, que geralmente não se encontram organizadas previamente em textos; e por fim, habilidade de construir um entendimento próprio a partir de informação incompatível e inconsistente.

A *American Library Association* (ALA, 1989, p. 1) em seu *Report of the Presidential Committee on information literacy: Final report* traz a definição de competência em informação:

Para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Para produzir esse tipo de cidadania é necessário que escolas e faculdades compreendam o conceito de competência informacional e o integrem em seus programas de ensino e que desempenhem um papel de liderança preparando indivíduos e instituições para aproveitarem as oportunidades inerentes à sociedade da informação. Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas.

Já Dudziak (2005, p. 1), observa que a competência é mais do que uma soma de atributos, “[...] é um processo que se renova constantemente e implica na mobilização adequada de conteúdos interligados, quais sejam, conhecimentos, habilidades e atitudes.” A autora afirma que muitos autores relacionam a competência em informação aos processos de busca da informação para construção de conhecimento (DUDZIAK, 2003, p. 30), envolvendo uso, interpretação e busca de significados, procura-se a construção de modelos mentais, não apenas respostas às perguntas. “O foco está no indivíduo, em seus processos de compreensão da informação e seu uso em situações particulares.”

Ao se fundamentarem em diferentes concepções, Feres e Belluzzo (2009, p. 80) entenderam que a competência em informação constitui-se em:

[...] processo contínuo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas como referenciais à compreensão da informação e de sua abrangência, em busca da fluência e das capacidades necessárias à geração do conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades ao longo da vida.

Com base nessas concepções, pode-se dizer que se trata, inicialmente, da compreensão de uma verdadeira “alfabetização digital”, o que envolve cinco tipos de competências, consideradas básicas para a sobrevivência na era do conhecimento, onde a Internet parece ser um diferencial marcante: aprender a manipular símbolos, aprender a colaborar, aprender a usar a informação, aprender a resolver problemas e aprender a aprender. (BELLUZZO, 2007, p. 40). Conforme o autor, saber navegar na Internet, buscando novas fontes de conhecimento, é uma habilidade fundamental, uma vez que é preciso estar em constante aprendizagem, sob risco de perdermos os avanços da tecnologia e nos aprofundarmos no processo de exclusão.

3 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

A mediação da informação permeará o constructo teórico dessa pesquisa, como explica Kulthau (1993, p. 128), “[...] por permitir às pessoas fazer conexões, mover-se do concreto ao abstrato, reconhecer a necessidade de saber mais, estudar mais profundamente e obter maior compreensão.” Compreensão essa que proporcionará aos moradores da CSC obterem a consciência possível de que trata Lucien Goldmann de que podem por si próprios caminharem para fora do processo de exclusão em que se encontram, e para isso a mediação da informação, seguindo as reflexões de Kulthau (1993, p. 128), é fundamental por se tratar da “[...] intervenção humana para assistir a busca de informação e aprendizagem a partir do acesso à informação e uso.”

Nesse contexto, faz-se necessário a atuação da figura do mediador, que de acordo com Belmonte (2007, p. 23) é um “[...] intermediário, um amplificador, um adaptador, um organizador e um desenhador de processos formativos”, o que implica “[...] conhecer quanto contribui a autêntica construção da obra mais complexa que podemos empreender, como a formação de uma pessoa.” Durante esse estudo, os profissionais da informação atuam dentro do campo de pesquisa como mediadores, pois como ressaltam Gomes e Santos (2009, p. 3), a “[...] participação do profissional da informação é fundamental no processo de mediação para que o usuário se aproprie da informação de que necessita, tanto nas atividades de representação e organização quanto nas de interação direta para facilitação do acesso e do uso da informação.” Reforçando essa ideia Almeida Júnior (2009, p. 92) defende que:

A mediação está presente em todos os fazeres do profissional da informação. Em algumas ações, no entanto, a mediação está presente de forma implícita, muito embora dirigindo e norteando todas as atividades ali desenvolvidas. O armazenamento de informações é alimentado a partir de interesses e demandas dos usuários. A política de seleção, amplamente discutida no desenvolvimento de coleções, tem o usuário final como base de sustentação. O mesmo se dá com os trabalhos de processamento das informações: têm suas ações voltadas para a recuperação de informações que atendam e satisfaçam necessidades dos usuários.

O profissional da informação, a partir da consciência da interferência, ainda conforme Almeida Júnior (2008, p. 48), é entendido em outro estrato profissional, “[...] o daqueles que fazem história, são sujeitos na sociedade e participam efetivamente da construção do destino da humanidade.” Para o autor, seria mais do que isso: “[...] é com a consciência de que interfere, de que se realiza como profissional na relação com o usuário é que a democracia da informação poderá se concretizar”, pois ao lidar com a informação, os espaços informacionais

permitem e propiciem lutas e embates, “transformando-se nos locais aptos à realização, efetivação e concretização da democracia, da inclusão informacional e social”.

A consciência de interferência de que trata esse autor, é defendida pelo mesmo ao conceituar a mediação da informação como “[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p. 46). Por isso,

A ideia de neutralidade, tanto do mediador como do processo de mediação, torna-se claramente inapropriada e o momento da relação/interação profissional da informação x usuário é estruturado não como algo estanque e fracionado no tempo, mas envolvendo os personagens como um todo, os conhecimentos conscientes e inconscientes, e o entorno social, político, econômico e cultural em que estão imersos. A mediação da informação é um processo histórico-social. O momento em que se concretiza não é um recorte de tempo estático e dissociado de seu entorno. Ao contrário: resulta da relação dos sujeitos com o mundo. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 93).

Na visão de Varela (2008, p. 36), a mediação ocorre no processo de interação do profissional com o usuário, no momento da comunicação e da transferência da informação. Os elementos que compõem a mediação e que vão permitir a consonância de objetivos entre o que busca o usuário e o que lhe oferta o profissional acontecem bem antes da busca, “[...] mediante um processo dialógico em que o profissional se antecipa ao desejo do usuário e organiza o estoque de informação, dialogando com este usuário potencial.” Desta forma, “[...] os elementos que compõem a mediação são os que vão permitir a harmonia de objetivos entre o que busca o usuário e o que o profissional oferece.”

Nesse contexto, o usuário será o ator central do processo de apropriação da informação saindo da categoria de mero receptor, como explica Almeida Júnior (2009, p. 97), ao defender que o usuário é quem determina a existência ou não da informação, pois para o autor a “[...] informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação”, sendo entendida por ele como premissa a “[...] partir da modificação, da mudança, da reorganização, da reestruturação, enfim, da transformação do conhecimento.” Por isso, a informação “[...] não existe antecipadamente, mas apenas na relação da pessoa com o conteúdo presente nos suportes informacionais”, que são concretos sem deixar de prescindir dos referenciais, do acervo de experiências e do conhecimento de cada pessoa. “Quem determina a existência da informação é o usuário, aquele que faz uso dos conteúdos dos suportes informacionais.”

Já para Gomes (2010, p. 87), ao tratar de mediação é preciso situá-la como ação vinculada à vida, ao movimento, ao processo de construção de sentidos. Isso ocorre porque o ser humano se desenvolve, segundo Vigotsky (1984) pela interação social ao adquirir a condição humana na relação com o mundo, mediado por instrumentos culturais – signo, palavra, símbolo. O conhecimento é uma produção cultural, diretamente relacionada com a linguagem, com a interação social, e a mediação é a ação que se interpõe entre sujeito e objeto de aprendizagem, sendo a palavra de fundamental relevância. Ainda de acordo com Gomes (2010, p. 87), os “[...] seres humanos agem em relação à realidade tomando como referência o significado que atribuem a essa realidade, que é construída nas interações sociais e mediações simbólicas”, a exemplo da mediação linguística, que ocupa um lugar central na constituição da experiência humana, porque a linguagem está associada ao viver em comum ou ao conviver, deixando de ser vista como instrumento para se constituir em elemento estruturante das relações humanas. É nessa experiência que o homem tem oportunidade de construir sentido. “Em seu contato com o mundo, lida tanto com objetos de dimensão imediata de percepção, quanto com outros objetos de dimensão mediata, a partir dos quais vai construindo e reconstruindo sua compreensão.” (GOMES, 2010, p. 87). Nesse processo:

[...] emergem as contradições, que só podem ser elaboradas no debate, na dialogia, enfim, no processo dialético. Logo, os procedimentos sociais transcorrem em contextos de tensões e contradições, considerando-se a natureza dialógica, incompleta, aberta e heterogênea da vida social. Pode-se dizer que a consciência é, ao mesmo tempo, resultado dos processos cognitivo e social, que se desenvolvem na comunicação. A experiência humana se dá graças às práticas comunicativas e simbólicas que constituem o *locus* da mediação. (GOMES, 2010, p. 88).

Dessa forma, corroboramos com a autora ao esclarecer que a mediação relaciona-se com a comunicação caracterizando-se como um “[...] processo de intersubjetividades, resultante da negociação e da disputa de sentidos, que permite aos sujeitos ultrapassar e interpenetrar esses sentidos e gerar novas significações. A mediação se opõe ao imediatismo, porque demanda o jogo dialético, sem o qual inexistente”. (GOMES, 2010, p. 89). Para que esse jogo dialético possa existir no campo de pesquisa, visualizamos a necessidade da construção e aplicação de um modelo de mediação da informação objetivando a inclusão social da Comunidade Santa Clara na sociedade contemporânea por meio do desenvolvimento de competências informacionais nos moradores dessa localidade. Nesse processo, é preciso planejar, implantar o modelo na CSC, observar a realidade a partir da utilização deste, avaliar os resultados das ações a partir do acionamento do modelo, para então melhorá-lo para que

ele possa oferecer subsídios teóricos-metodológicos, que propiciem colocar em prática trabalhos, projetos e cursos para os moradores da Comunidade, visando que esses se apropriem das informações mediadas e possam desenvolver competências necessárias para saírem da margem e caminharem para o centro, onde as políticas públicas acontecem e permitem que o sujeito passe a pensar e atuar como cidadão.

4 MODELO DE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO PARA A COMUNIDADE

A motivação para se criar um modelo de mediação da informação justifica-se, com base em Sayão (2001, p. 86), por ser um modelo uma representação de um recorte da realidade, com uma função utilitária e por meio do seu modo de expressão, sua estrutura e suas igualdades e desigualdades em relação ao seu original, tenta comunicar algo sobre o real, ou seja, é uma representação de um ser humano enquanto usuário e/ou parte de um sistema de informação e das suas relações de aquisição, organização, apropriação e manipulação da informação.

Uma mesma realidade observável pode ter diversos modelos, como explica Garcia (2007, p. 75), por existir visões diferentes, construídas sobre “[...] diferentes correntes teóricas e paradigmas – implicando ainda aspectos ideológicos, culturais, entre outros – acabam por estruturar modelos a partir da seleção de elementos de seus respectivos universos de discurso que comporão, por sua vez, a visão a ser representada.” Por isso, Garcia (2007, p. 75) explica que cada modelo destina-se a explicar certas características de um fenômeno e pode comumente chegar a explicações complementares ou contraditórias com outros modelos, o que segundo Sayão (2001, p. 85), “[...] alinhando-se também a função normativa que permite a comparação de fenômenos com outros mais familiares, além da função sistemática da construção de modelos, segundo a qual a realidade é vista em termos de sistemas interligados.” Essa função, de acordo com Sayão (2001) conduz a outra, a função construtiva dos modelos que acentuam o papel destes na construção de teorias e leis.

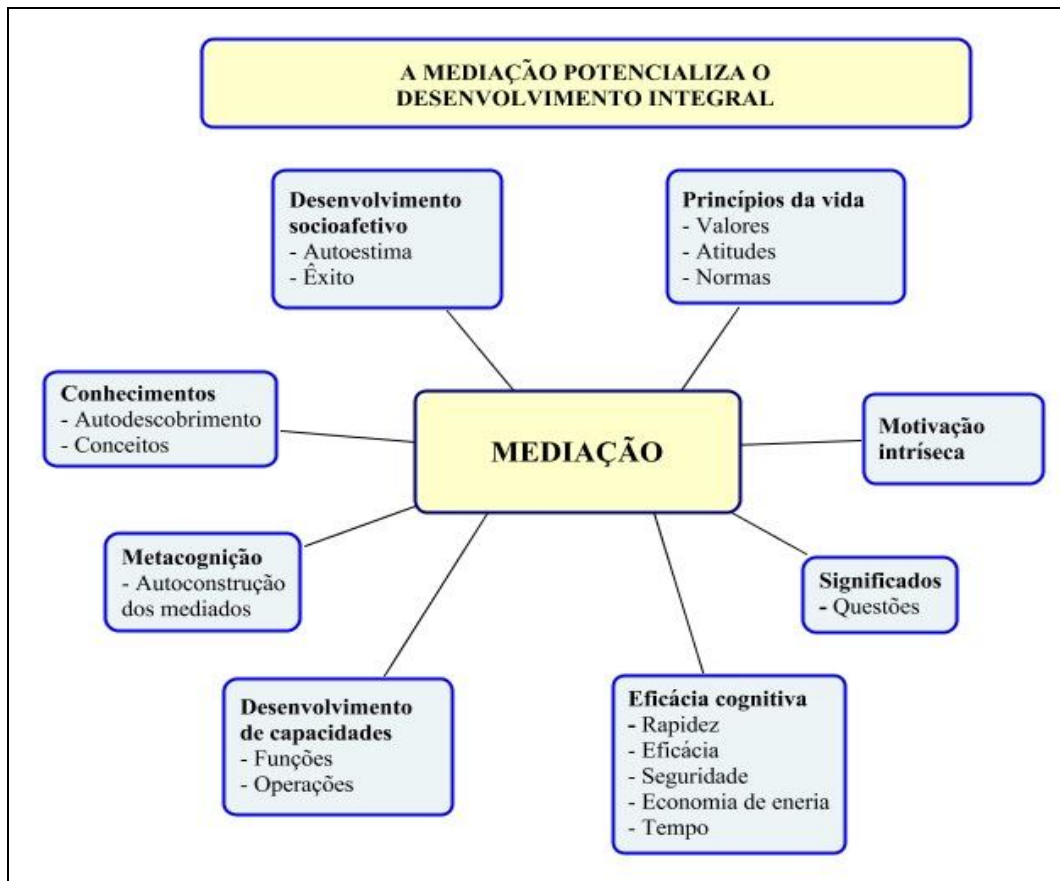
Entendemos que o campo de pesquisa condicionará a ocorrência de certas necessidades, propiciando a construção de um modelo preliminar a ser testado junto aos sujeitos da pesquisa, voltando a ser reestruturado de acordo com as necessidades apontadas pela CSC, uma vez que, segundo Garcia (2007, p. 86) “[...] as características das fontes de informação formais e informais e as funções dos canais de todos os níveis podem influenciar (estimular ou impedir) a necessidade de informação e determinar o comportamento informacional.” A mediação entra nesse contexto objetivando construir habilidades no

mediado para obter sua plena autonomia, pois conforme Belmonte (2007, p. 65), a “[...] mediação parte de um princípio antropológico positivo e é a crença da potenciação e perfectibilidade de todo ser humano. A genética não disse sua última palavra. A força da mediação verifica a preocupação de todos os determinismos no campo de desenvolvimento do ser humano.” Dessa forma, o autor alerta para a necessidade de se entender a mediação como uma posição humanizadora, positiva, construtiva e potencializadora, pois a falta de mediação ou a falta de transmissão cultural provém da descontinuidade que se produz no quadro do grupo cultural que abandona sua própria identidade.

Essa privação cultural, a qual Belmonte (2007, p. 66) chama atenção, refere-se à carência de pessoas adultas para realizar a transmissão da cultura e dos valores dentro de um grupo, de uma sociedade. Além disso, e com marcantes características socioculturais, a pobreza chega a ser o muro intransitável que exclui e cria a total marginalidade. A falta de mediação, a nível familiar, provoca as diferenças cognitivas que afetam o desenvolvimento das funções cognitivas e não intelectuais. Por isso, a mediação é uma qualidade essencial à interação, é uma fonte de transmissão cultural, significativa, afetiva, é orientação ao pensamento casual, estabelecendo relações, avançando os efeitos de um ato. O mediador descobre em outra pessoa o significado de sua atividade, além das necessidades imediatas, superando experiências episódicas, tentando transpor junto com o mediado esse “muro intransitável” e imaginável.

Para sintetizar suas reflexões Belmonte (2007, p. 71) cria um mapa de mediação potencializadora do desenvolvimento integral (Figura 1) demonstrando o quanto a mediação é um fator humanizador de transmissão cultural, apontando os valores básicos da mediação: acompanhamento e proximidade; encontro ou a relação profundamente humana; despertar a autoestima; ajudar a saber clarificar e discernir as experiências; ensinar a ver, a contemplar; dotar o mediado de estratégias de aprendizagem para a formação de habilidades cognitivas.

Figura 1 – Mapa da mediação potencializadora do desenvolvimento integral

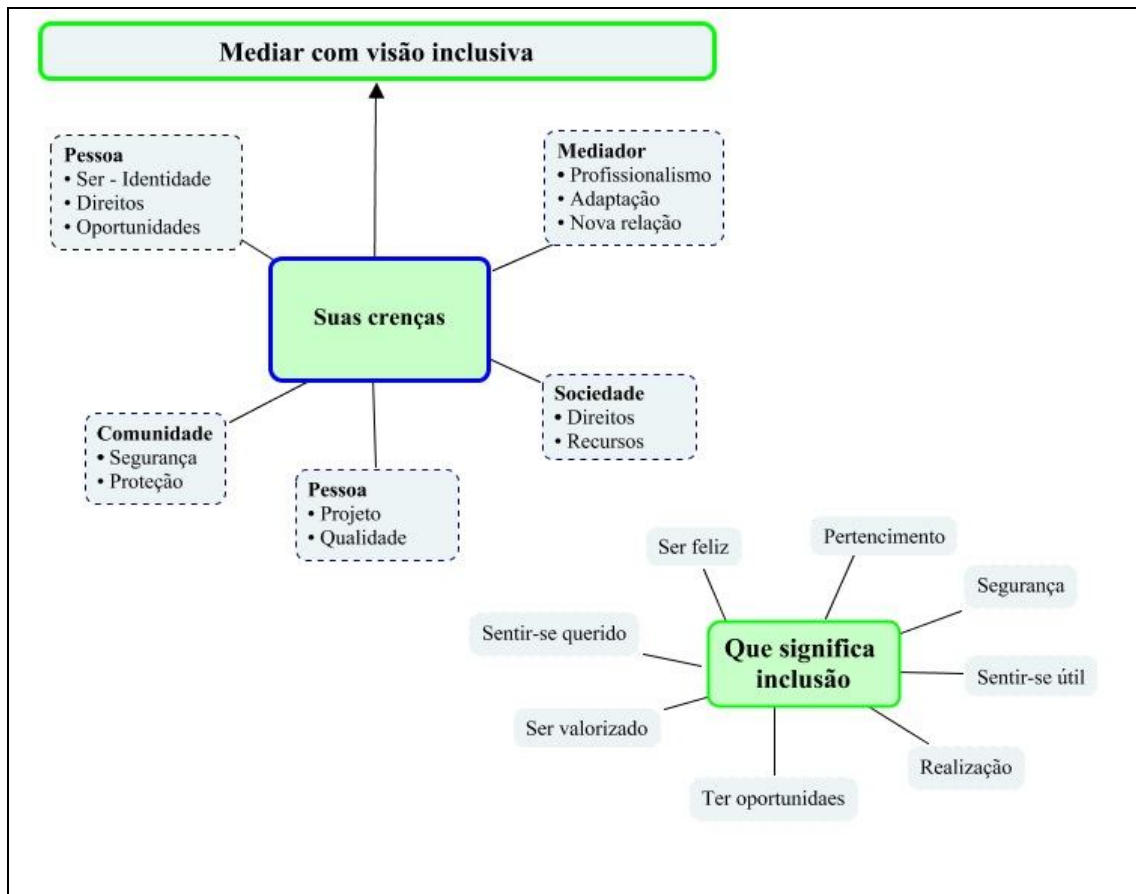


Fonte: Adaptado de Belmonte, 2007.

A observação desse mapa leva a inferência de que a mediação potencializadora do desenvolvimento integral aponta para a modificação como uma forma de flexibilidade, que expressa uma permeabilidade entre os diversos sistemas de uma pessoa: cognitivo, afetivo, volitivo, etc. Toda modificação é, de acordo com Belmonte (2007, p. 57), uma mudança qualitativa intencionada, no entanto, uma mudança estrutural é algo que altera o repertório do indivíduo, implica uma nova tendência ou necessidade, uma nova capacidade e uma nova orientação ou direção no fazer, pois, ainda conforme esse autor, se a mente cognitiva é a organização do mundo, no enfoque construtivo a inteligência é uma energia relacionada. “Por isso mesmo toda modificação positiva será uma capacidade para adaptarmos a novas situações no nosso mundo transformador”. Modificar é criar novas disposições no ser humano, é ampliar o mundo das relações, superar a percepção episódica da realidade, criar no organismo disposições, novas perspectivas e novos significados. (BELMONTE, 2007, p. 57).

As reflexões de Belmonte (2007), ao explicar a modificação como transformação qualitativa intencionada, sintetizam nosso olhar sobre essa pesquisa, é essa superação de percepção da realidade excludente que objetivamos proporcionar aos moradores da CSC, por entendermos que o homem tem como fonte de transformação a cultura e os meios de informação, e para isso os profissionais da informação se interpõe entre os estímulos ou a informação exterior para interpretá-los e valoriza-los. Dessa forma, Belmonte (2007, p. 68), indica que o estímulo à troca de sentido, adquire um valor concreto, criando no indivíduo atitudes críticas e flexíveis. A explicação do mediados aumenta o campo de compreensão de um dado ou de uma experiência, cria dispositivos novos no organismo, cria uma constante alimentação informativa. Para melhor visualizar o sistema de crenças que o indivíduo pode desenvolver para se sentir incluído ao desejar a modificação de sua vida, Belmonte (2007) desenvolveu um modelo de informação com visão inclusiva, que nessa pesquisa se encontra em fase de adaptação de acordo com a realidade da Comunidade Santa Clara.

Figura 2 – Modelo preliminar de mediação da informação para inclusão



Fonte: Adaptado de Belmonte, 2007.

Nesse modelo preliminar de mediação da informação para inclusão dos moradores da CSC na sociedade contemporânea (Figura 2) visualizamos as crenças que a comunidade, a sociedade, o mediador e a pessoa (os moradores) podem construir por meio do processo de mediação com visão inclusiva, tendo como pressupostos a identidade social que cada ser deveria ter de si próprio, da realidade que o cerca e que ele próprio pode melhorar, quebrando as barreiras de preconceitos construídos pelo processo de exclusão, de estar à margem. Diante disto, faz-se necessário o estabelecimento de uma relação profissional e também afetiva com os sujeitos dessa pesquisa, uma relação de profissionalismo e de adaptação permeada pela oportunidade de poder proporcionar acesso a direitos, recursos, projetos, e a informações que garantam a identidade do “ser”, do sentimento de pertencimento, de serem úteis, valorizados e seguros.

O arcabouço metodológico a ser utilizado para alcançar os objetivos dessa pesquisa, de cunho qualitativo, é constituído pelo método pesquisa-ação, pois conforme Melo Neto (2005), estimula a participação das pessoas envolvidas na pesquisa e abre o seu universo de respostas e passa pelas condições de trabalho e vida da comunidade. De acordo com Franco (2005) durante uma pesquisa-ação é relevante que haja tempo e espaço para que cada sujeito vá se apropriando das mudanças que se operam em suas significações de mundo, que implicam essencialmente mudanças em sua perspectiva como sujeito. A investigação ocorrerá com auxílio da observação participante visando acompanhar a realidade no campo de pesquisa, fazendo uso do diário de campo. Ao coletar os dados, registrá-los coletivamente, discuti-los e contextualizá-los, caminharemos, segundo Franco (2005, p. 499), para a construção de saberes e para seu compartilhamento, num processo único, dialético, transformador dos participantes e das condições existenciais. “Um processo que deve produzir transformações de sentido, ressignificações ao que fazemos ou pensamos.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção e o acionamento de um modelo de mediação da informação para a inclusão dos moradores da Comunidade Santa Clara na sociedade contemporânea, por meio do desenvolvimento de competências informacionais e da consciência de automodificabilidade, - a chave para fazer da pessoa sua própria mediadora - desejamos que esse modelo possa ser propagado para outras comunidades brasileiras, para que os sujeitos possam buscar os elementos facilitadores de sua transformação, sem depender de um sistema excludente, mas utilizando e entendendo que, nessa perspectiva de modificação as tecnologias

abrem muitos caminhos para reduzir os laços que freiam a transformação, por isso, é primordial investir forças para beneficiar o homem da sociedade tecnológica. (BELMONTE, 2007, p. 201). Principalmente porque todo indivíduo deve preparar-se para poder responder as transformações constantes e aos desafios da sociedade, já que na base está à convicção, a crença de que somos modificáveis, para depois colocar os meios, o programa concreto que ative e reestruture o ser humano.

Ainda corroborando com Belmonte (2007, p. 201), o trem da tecnologia não tem parada, é preciso subir nele para viver imersos em sua velocidade, nos impregnarmos de novos panoramas, experimentar como seres transformadores e fontes de transformação para outros, e também experimentar em nós mesmos a modificabilidade para depois poder transmiti-la. Sem inteligência as pessoas não podem ser membros que contribuem para o progresso da sociedade.

Nessa perspectiva, a inclusão que desejamos propiciar aos moradores da Comunidade Santa Clara deve estar atrelada a oportunidade de possibilitar formas concretas, reais e legítimas de apropriação da informação, de empoderamento. Por isso, a inclusão social que almejamos promover na CSC seguirá o caminho oposto ao que Demo (2005, p. 36) critica como sendo as práticas de inclusão social, que não são aceitas em sua plenitude e que “[...] facilmente aceitamos como inclusão social, a inclusão na margem. Os pobres estão dentro, mas dentro lá na margem, quase caindo fora do sistema.” O que visualizamos com essa pesquisa é a inclusão social conceituada por Moreira (2006, p. 01) como a ação de proporcionar para populações que são social e economicamente excluídas – no sentido de terem acesso muito reduzido aos bens e terem recursos econômicos muito abaixo da média dos outros cidadãos – oportunidades e condições de serem incorporadas à parcela da sociedade que pode usufruir esses bens. Um dos aspectos da inclusão social é possibilitar a oportunidade de adquirir condições de entender o seu entorno, de ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho e de atuar politicamente com conhecimento de causa.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Report of the Presidential Committee on information literacy**: Final report. 10/01/1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/nili/ilit1st.html>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.

_____. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. (Org.). **Gestão da Informação e do Conhecimento**. São Paulo: Editora Polis, 2008, v. 1, p. 41-54.

BELMONTE, L. T. **El profesor mediador del aprendizaje**. Chile: Arrayán Editores S. A., 2007.

BELLUZZO, R. C. B. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. 2. ed. revista e ampliada. Bauru: Cá Entre Nós, 2007.

DEMO, P. Inclusão digital – cada vez mais no centro da inclusão social. **Inclusão Social**. Brasília: IBICT, n. 1, p. 36-38, 2005.

DUDZIAK, E. A. Competência em Informação: melhores práticas educacionais voltadas para a Information Literacy. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21, jul. 2005, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba: FEBAB, 2005. 1 CD-ROM.

_____. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./ abr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010019652003000100003&script=sci_abstract&tlng=p t. Acesso em: 10 abril 2012.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.3, p. 483-502, set./dez., 2005.

FERES, G. G.; BELLUZZO, R. C. B. Competência em informação: um diferencial da qualidade em publicações científicas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.5, n.1/2, p. 70-83, jan./dez. 2009.

GARCIA, R. M. **Modelos de comportamento de busca de informação: contribuições para a Organização da Informação**. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

GOMES, H. F. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.3, n.1, p.85-99, jan./dez. 2010.

_____; SANTOS, R. do R. Bibliotecas universitárias e a mediação da informação no ambiente virtual: informações, atividades e recursos de comunicação disponíveis em *sites*. In: X ENANCIB: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2009, João Pessoa. **Anais...** X ENANCIB: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. João Pessoa: UFPB, 2009.

KUHLTHAU, C. C. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, M. M.; CAMPELLO, B.; MOURA, V. H. V. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14.

_____. **Seeking meaning: a process approach to library and information services**. Norwood: Ablex, 1993.

MELO NETO, J. F. de. **Pesquisa-ação**: aspectos práticos da pesquisa-ação nos movimentos sociais populares e em extensão popular. [2005?] Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/artigos/pa_a_pesquisa_acao.pdf>. Acesso em: maio 2011.

MOREIRA, I. C. de. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Revista Inclusão Social**. Brasília: IBICT, v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/29/50>>. Acesso em 01 julho 2012.

SAYÃO, L. F. Modelos teóricos em ciência da informação: abstração e método científico. **Ciência da informação**, Brasília, v.30, n.1, p.82-91, jan./abr. 2001.

VARELA, A. V. Informação, cognição e mediação: vertentes, contextos e pretextos. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, v. 1, p. 21-45, 2008.

VYGOSTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo : Martins Fontes, 1984.